



Ο Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Γωσήφ

HOMILIA

de S.E.R. o Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires e América do Sul para o Terceiro Domingo da Quaresma

Catedral Metropolitana, 23 de março de 2025

“A lança flamejante não protegeu mais a entrada do Éden; porque, já maravilhosamente, havia sido apagada pelo Madeiro da Cruz, de maneira milagrosa; o agulhão da morte e a vitória do inferno haviam sido aniquilados, e Tu, ó meu Salvador, viestes exclamando àqueles que estão no inferno: "entraí, vós também no Paraíso.”

Oikos da Festa

Após a derradeira rejeição da humanidade a Deus, a consequência inevitável desse afastamento foi a morte espiritual, seguida da morte material. Esse fenômeno tem atormentado o homem desde então, gerando inquietação tanto existencial quanto psicológica. Assim, a preocupação do ser humano com essa realidade tem atravessado os séculos e se manifestado de diversas formas, seja na religião, na filosofia, na psicologia, na sociologia, etc.

Entretanto, a maneira como o homem encara a morte varia amplamente, oscilando entre a rejeição – compreensível e natural –, o medo, a hostilidade, a aceitação e, por vezes, a sua banalização. Desde o temor primordial até a normalização desse evento inescapável, percebe-se uma profunda ligação entre essa questão e sua **raiz egoica**. O cientista contemporâneo David Hawkins explica: "Como o ego se constrói por meio de posicionamentos, ele não tem outra opção senão ser o que é. Dessa forma, torna-se uma fonte incessante de sofrimento e perdas. Acima de tudo, teme o futuro e a morte, pois ambos desafiam sua estrutura."¹

¹ HAWKINGS, D., *Disolver el ego*, El Grano de Mostaza, Barcelona, 2020, p. 21.

De fato, sob uma perspectiva mais radical, a relação do homem com a morte está diretamente atrelada ao seu nível evolutivo, o que, em essência, significa que depende da forma como ele gerencia seu próprio ego. A realidade da morte e a do ego estão intrinsecamente conectadas, **havendo uma analogia entre o modo como o homem lida com seu ego e sua abordagem diante do mistério da morte**. Em outras palavras, o temor — *ou qualquer outra postura, seja intelectual ou emocional* — em relação à morte é proporcional à intensidade do ego de cada indivíduo. Isso ocorre porque, para o ego-mente, a morte representa o desafio supremo: o colapso de sua hegemonia, o fim de seu poder e de seu controle sobre a totalidade da realidade individual. Dessa forma, essa relação conturbada e angustiante com a morte é parte essencial da própria estrutura do ego.

Visto sob essa perspectiva, a religião, surgida como expressão da condição decaída do homem (*ex natura lapsa*), seja na forma de fanatismo religioso ou de moralismo puritano, insere-se naturalmente na hegemonia do ego. Assim, ela se torna um instrumento para atenuar as constantes ameaças e avanços da morte, percebida como fim absoluto, extinção e desaparecimento.

Lamentavelmente, neste contexto, não podemos analisar de forma mais aprofundada a relação entre **ego-religião-morte**. Resta-nos somente sublinhar o que o grande *Chr. Yannarás*² enfatiza: esse contexto, a religião surge como um mecanismo criado e administrado pela natureza decaída do homem, pelo ego-mente – o eu e o supereu –, essa complexa estrutura mental composta por mecanismos herdados e impostos, assimétrica e incoerente, um núcleo de processamento de hábitos perceptivos não examinados,³ que luta pela sobrevivência do indivíduo, na medida em que busca garantir o prazer e evitar a dor. Dentro desse esquema, o medo da morte parece algo natural⁴; mas, dentro do mesmo esquema, quando levado a extremos que rompem um equilíbrio saudável,⁵ o mesmo medo pode ser completamente anulado e invertido, a ponto de facilitar o próprio aniquilamento: refiro-me ao suicídio.

A ignorância de Deus é o resultado de sua negação. A degeneração da constituição primitiva do homem, que o torna *capax Dei*, ou seja, participante –

² GIANNAPA, X., *Ενάντια στη θρησκεία*, Ίκαρος, Αθήνα 2006, pag. 11: «φυσική ανάγκη του ανθρώπου, ορμέμφυτη, ενστικτώδης και εξ'ορισμού ατομοκεντρική», (...) «ανάλογη με την πείνα, τη δίψα, τον φόβο για την αρρώστια και την οδύνη, τον τρόπο μπροστά στον θάνατο», *από εκείνες τις ανάγκες που* «εμπεριέχονται, ως νομοτελειακές απαιτήσεις, στη λειτουργία της βιολογικής υπόστασης» και «που δεν τις ελέγχει η λογική και η θέληση»

³ HAWKINGS, D., *Disolver el ego*, Op. Cit., p. 21, 23.

⁴ E não me refiro ao instinto de autoconservação, que é justamente “instinto”; é um reflexo que não emerge da estrutura mental e egoica do homem.

⁵ Lembremos que o ego não pode ser eliminado ou destruído completamente; pelo contrário, de acordo com nossa Tradição, é necessário saná-lo e transfigurá-lo de acordo com o-que-é-Real..

μέτοχος - direto da realidade de Deus, de acordo com sua receptividade natural, leva à formação desse complexo **sistema-programa dual** de percepções, cujo objetivo principal é reencontrar esse **Deus-constitutivo**. No entanto, o próprio sistema é uma armadilha, pois está baseado na ignorância. Como diz J.P. Larchet: “*ao deixar de ver Deus nos seres e os seres em Deus, o homem perde a noção de seu princípio e de seu fim comuns, deixando de captá-los em sua unidade fundamental. Adquire, então, um conhecimento parcial, dividido e heterogêneo deles. E, se tenta unificar seu conhecimento, só pode fazê-lo por meio de artifícios produzidos pela sua razão*”⁶: este mecanismo é chamado ego.

Hoje, neste terceiro domingo da Quaresma, nos prosternamos diante da cruz, que para muitos é símbolo de morte; e de fato, o é! Mas para nós, cristãos ortodoxos, após a vinda de Cristo, a morte foi vencida e, por isso, **revertida**: isso significa que ela foi **redimensionada de forma criativa**, pois "não era possível que a morte retivesse a própria Vida".

O Cristo **-desprovido de todo ego- aceita voluntariamente** a morte como uma etapa de seu plano para a **redenção-restituição** do gênero humano e, desta maneira, a convierte em primícia de Vida, uma vez que Ele se faz “*Primogênito de todos os mortos*”, isto é, o “primeiro de todos os Viventes”, o “cabeça de uma nova Era” que para sempre revogou a antiga maldição, a negação de Deus, o pecado original, e abriu para todos, sem distinção, o caminho para a perfeição.

Como pode ser que este movimento espiritual baseado no amor fale de um Pai que entrega seu próprio Filho à morte cruenta e o abandona na cruz? Para nós, ortodoxos, a pergunta já é descabida. A cruz, a morte, o abandono, não são mais do que os prelúdios do que é verdadeiramente substancial: a ressurreição. A cruz, o abandono, a morte, na Tradição cristã legítima e originária, são vividos e, conseqüentemente, interpretados de uma maneira holística, espiritual e experiencial, e não de forma jurídica, moralista, sensacionalista ou como mera sensibilidade.

É por isso que o Cristo, ao ser Cristo - Teantropo - e necessariamente **ao aceitar voluntariamente** - e não como imposição - redime, salva, cura, aperfeiçoa: estão muito equivocados aqueles que veem no Pai castigo, abandono, cruz e morte - por sinal vivificadora - fora do contexto total do arcano designo do Sistema Trinitário e tentam interpretá-los com critérios meramente intelectualistas, desprovidos da experiência cotidiana que vivemos os cristãos e que avalizam e garantem que agora a morte, a cruz, o sofrimento, quando vividos e experimentados da mesma forma que o Cristo os viveu, são fontes de Vida, felicidade e amor: **e isso não é um oxímoro religioso!** Esta é a verdade totalmente **empírica e provável** que emerge quando submetemos nosso ego e tentamos imitar o Cristo:

“Ó Majestosa e Venerabilíssima Cruz,

⁶ LARCHET, J.C., *Terapéutica de las enfermedades espirituales*, Sígueme, Salamanca 2014, p. 50. (Destaques meus)

*Tu és a coluna e firmeza da Igreja,
confirmação dos fiéis governantes (Reis)
e orgulho e proteção dos ascetas.
Por conseguinte, hoje nos prosternamos diante de Ti
e nos iluminamos em nossos corações e almas,
pela Graça Divina Daquele Que foi suspenso sobre Ti,
Aquele Que destruiu o poder do demônio e aniquilou a maldição.”*

Hinos da Festa